

Indústria de celulose atraiu fundos

De São Paulo

Os fundos de investimentos em ativos florestais surgiram no Brasil há menos de uma década, no rastro dos projetos de expansão das empresas moveleiras e das fabricantes de celulose e papel. Os modelos são variados.

A Brookfield Asset Management é a que mais se aproxima da estratégia do BTG Pactual, embora em menor escala. Assim como o banco, a gestora investe capital próprio e administra diretamente as plantações.

A gestora tem três fundos voltados para esse mercado, segundo Silvio Teixeira, responsável pela área de ativos florestais e vice-presidente da Ibã, associação que representa empresas de produtos de base florestal. O primeiro fun-

do, criado em 2007, tem patrimônio líquido de R\$703 milhões.

A carioca Ático seguiu um caminho diferente, aplicando recursos de terceiros na compra de empresas que operam na área. O fundo é dono da holding Tree, que por sua vez tem 50% da Remasa, reflorestadora paranaense de pinus, e também tem uma trading de madeira. As companhias controladas pelo fundo administram 28 mil hectares de florestas.

O fundo da Ático atraiu R\$160 milhões e a ideia é abri-lo para uma nova rodada de captações. O retorno esperado é de IPCA mais 9% ao ano, diz Ricardo Junqueira, sócio-diretor da Ático.

“É um investimento para quem busca preservação de capital”, afirma Junqueira. Por isso, segundo ele, os ativos florestais

costumam atrair grandes fundos de pensão e companhias de seguridade em busca de aplicações de longo prazo e baixo risco.

Fundos de pensão brasileiros representam 61% da base de investidores do fundo florestal da gestora Claritas. Lançado em 2009 e com capital comprometido de R\$102 milhões, ele investe em companhias que detêm 43 mil hectares de área plantada.

A restrição à propriedade de terra por estrangeiros, em 2010, limitou o mercado. Segundo Teixeira, até então havia a sinalização de investimentos de US\$20 bilhões em ativos florestais brasileiros. Agora, a estimativa é de US\$3 bilhões a US\$5 bilhões. “Os estrangeiros passaram a buscar sócios no Brasil para poder atuar”, afirma. (IM)